

## **A imagem como símbolo de *status***

*Enio Everton Arlindo Vieira\**

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar o uso de pinturas aristocráticas como símbolo de *status* social e autopromoção. Para tal estudo, utilizaremos quadros de Hans Holbein produzidos na primeira metade do século XVI, e imagens do imperador brasileiro dom Pedro II, mostrando a existência de uma continuidade entre as pinturas do fim do período medieval e início da era moderna, e o imaginário da família real brasileira no século XIX, no que diz respeito, ainda que indiretamente, à imagem do homem rico, nobre e culto.

**Palavras chave:** Hans Holbein, dom Pedro II, História, arte.

### **Abstract**

This article aims to analyze the use of aristocratic paintings as a symbol of social *status* and self-promotion. For this study, we will use paintings by Hans Holbein produced in the first half of the sixteenth century, and images of the Brazilian emperor Dom Pedro II, showing the existence of a continuity between paintings from the end of the medieval period and the beginning of the modern era, and the imaginary of the Brazilian royal family in the nineteenth century, in what concerns, albeit indirectly, the image of the rich, noble and cultured man.

**Keywords:** Hans Holbein, dom Pedro II, History, art.

---

\* Graduado em História pela Universidade Nove de Julho. Pós-graduado em “Fundamentos de Uma Educação Para o Pensar” pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Mestrando em “Educação, Arte e História da Cultura” pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

## 1. Introdução

Tendo como objetivo analisar como a pintura serviu para a promoção de símbolo de *status*, partimos de quadros do pintor alemão Hans Holbein, chegando a dom Pedro II, imperador brasileiro que soube utilizar a própria imagem para autopromoção e propaganda como homem culto e letrado. Para este trabalho, serão usados como base teórica dois livros, o primeiro, *História da Arte*, de E. H. Gombrich, onde o autor faz um apanhado geral da arte mundial, desde os tempos mais remotos, até meados do século XX, época em que o livro foi lançado e, pesem algumas de suas limitações, que não caberá analisar aqui, continua sendo uma ótima obra de referência, sobretudo para a pesquisa de artistas europeus. A segunda obra que nos servirá de referência é *As Barbas do Imperador*, de Lilia Moritz Schwarcz, biografia de Dom Pedro II, que não se limita tão somente a narrar a vida do segundo imperador brasileiro, mas também a história social, política e cultural do século XIX, e a criação da memória em torno de Pedro de Alcântara.

## 2. Hans Holbein

Hans Holbein, também conhecido como “Holbein, o jovem” nasceu na cidade alemã de Augsburg em 1497, rica cidade de mercadores que travava intensas relações comerciais com a Itália (GOMBRICH, 2006)<sup>1</sup>. Além disso, sua família era de pintores, o que lhe possibilitou aprender cedo seu ofício, tendo contato tanto com mestres do norte europeu, quanto artistas italianos. No entanto, a Reforma Luterana o impediu de se tornar um grande mestre em sua cidade natal, o que o levou a se mudar para a Inglaterra em 1526, onde recebeu o título de pintor da corte de Henrique VIII, produzindo, sobretudo, retratos da realeza inglesa. Analisando suas pinturas, Gombrich nos diz que nada é pintado por acaso, que absolutamente tudo em sua pintura é bem pensado, nos deixando a impressão de que suas pinturas eram uma reprodução perfeita do que Holbein via (GOMBRICH, 2006). Um exemplo claro de pintura feita quando vivia na Inglaterra é o quadro *Os embaixadores*:

---

<sup>1</sup> Tradução livre de GOMBRICH, E. H. *The Story of Art*. New York: Phaidon Press Limited, 2006. p. 283. Todas as citações dessa obra são traduções livres do autor deste artigo.



*Os embaixadores – 1533*

Feita em 1533 e hoje exposta na *National Gallery* de Londres, essa pintura a óleo feita em uma tela de madeira de carvalho retrata os embaixadores Jean de Dinteville e Georges de Selve, que dão o nome original da obra. Segundo o *Google Arts*, o retrato faz parte da tradição de mostrar homens cultos com livros e instrumentos de navegação, como um globo, relógio de sol e outros instrumentos para entender os céus e medir o tempo. Ao mesmo tempo, há uma imagem distorcida de um crânio, símbolo da mortalidade, além de um crucifixo escondido atrás das cortinas, revelando o caráter cristão do pintor e possivelmente dos personagens retratados<sup>2</sup>. A própria existência da tela é um símbolo do *status* dos retratados, pois ser retratado era um privilégio de poucos, e ainda considerando os materiais utilizados - óleo e carvalho - já é motivo o suficiente para concluirmos que eram figuras importantes em seu tempo. Ademais, os outros objetos presentes em cena também nos mostram que pertenciam a uma camada social elevada,

---

<sup>2</sup>Informações técnicas disponíveis na página *Google Arts* na qual a ilustração da obra está disponível

pois são objetos extremamente caros na época em que viveram. Também observando a qualidade de suas roupas, as várias camadas de tecidos em suas vestes, o tipo de tecido das cortinas, e os acessórios que os adornam, é impossível negar que eram homens de grande fortuna.

Outra obra de Holbein onde podemos observar os mesmos elementos é o quadro *O Mercador Georg Gisze*:



*O Mercador Georg Gisze – 1532*

Produzida em 1532 e exposta no *Gemäldegalerie*, em Berlim, a fotografia mostra como Holbein era habilidoso em representar detalhes capazes de caracterizar o *status* do retratado a partir de um cenário que mostra suas possessões. Também feita dos mesmos materiais da obra anterior, a pintura mostra a riqueza de Georg Gisze, com objetos de ouro, flores, que metaforicamente simbolizam sua fé, pureza e modéstia, e também a passagem do tempo, através das flores que estão pouco a pouco murchando (GOMBRICH, 2006). As moedas podem tanto simbolizar sua riqueza, quanto também a morte, lembrando as lendas de pagar uma moeda para atravessar o rio das almas.

### 3. Dom Pedro II

Ao longo de seu livro *As Barbas do Imperador*, Lilia Moritz Schwarcz busca apontar as contradições em torno da figura de dom Pedro II, monarca de linhagem dos Bourbons, vivendo na região tropical, sendo o único caso de um imperador no continente americano. Além disso, a autora ainda aponta a sobrevivência do sebastianismo - mito da volta do rei português dom Sebastião, que se perdeu em uma batalha no norte da África. Muitos dos habitantes locais viam em dom Pedro II a reencarnação do antigo rei, que levaria o Brasil para uma posição de liderança mundial, tal qual Portugal fora outrora.

Nosso imperador se transforma em um mito ele próprio, sendo retratado desde a mais tenra idade até seus últimos dias, criando para si mesmo uma imagem ora de opulência ora de humildade. O rei que só queria ser professor nunca abandona uma tentativa de mostrar seu lado culto e letrado, tal qual os retratados pela tradição, da qual fazia parte Holbein, três séculos antes. Nada mais justo em um país onde ainda se vivia o mito do sebastianismo (SCHWARCZ, 1998).

No quadro abaixo, pintado por Victor Meirelles em 1864, vemos dom Pedro II em trajes militares, em plena guerra do Paraguai, quando tentava construir para si uma imagem de líder forte e capaz de fazer o Brasil sair vitorioso de uma guerra. O óleo sobre tela que hoje está exposto no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo - o MASP<sup>3</sup> - mostra alguns dos objetos que quase sempre estão presentes nas autorrepresentações do imperador: globo, livros, pinturas e outros objetos de erudição, ecoando as pinturas apresentadas anteriormente. Quase desnecessário mencionar a riqueza daquele que era o monarca brasileiro, mas considerando que se tratasse de uma imagem desconhecida, ainda assim é possível ver várias insígnias de ouro no peito do retratado, cortinas, tapetes e um busto, o que denota a riqueza do ambiente em que se encontra dom Pedro II. A única diferença em relação à tradição das pinturas do século XVI é que não temos nenhuma alusão à passagem do tempo, ou à morte, tampouco ao catolicismo. No entanto, a posição da mão direita do imperador - dedos anelar e médio juntos, e dedos indicador e mindinho separados, e de suas pernas pode ser comparada à posição das famosas estátuas dos doze profetas de Antônio Francisco Lisboa, o popular Aleijadinho.

---

<sup>3</sup>Informações técnicas disponíveis na página Google Arts na qual a foto da obra está disponível



*Dom Pedro II – 1864*

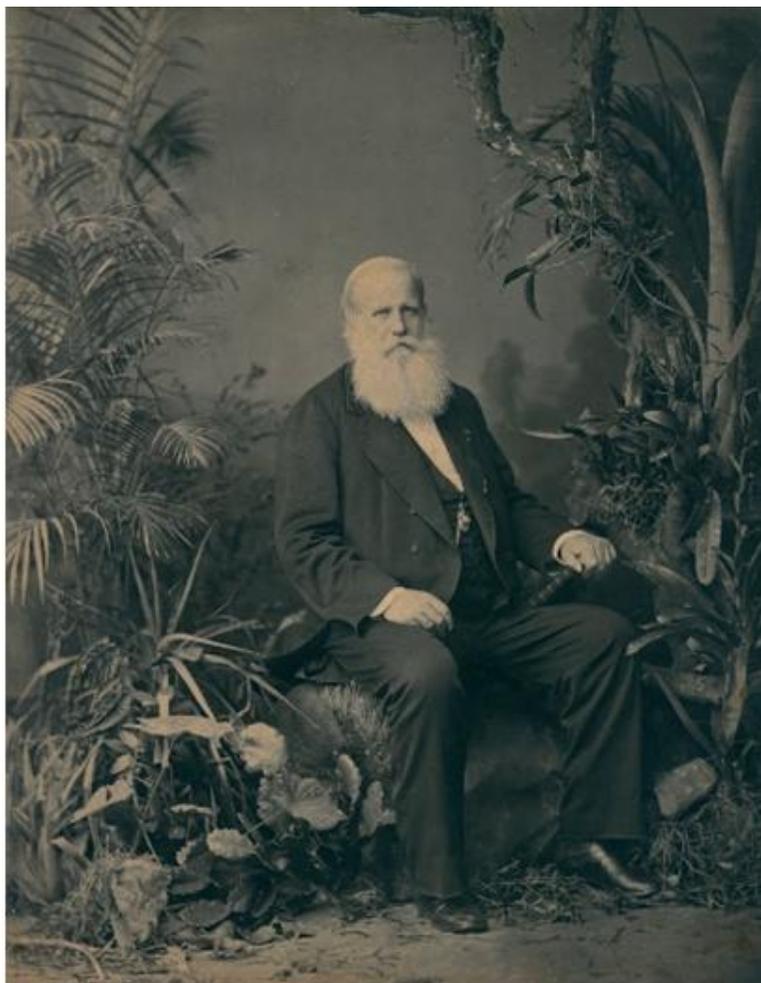


*O profeta Baruque – 1800-1805.*

Não é possível afirmar que a intenção do imperador, aqui, era reproduzir a pose das estátuas do escultor mineiro, mas sim deixar uma espécie de mensagem subliminar de sua associação com a maçonaria. Não nos cabe aqui analisar as associações de Antônio Francisco Lisboa e/ou de Dom Pedro II com as sociedades maçônicas, mas não deixa de ser interessante ver as semelhanças entre as poses.

Sempre se autointitulando um homem moderno, dom Pedro II era grande entusiasta da fotografia, sendo apontado por Schwarcz como um dos monarcas mais fotografados de todos os tempos. Considerando que a fotografia era, todavia, uma novidade no século XIX, as máquinas fotográficas eram ainda instrumentos caros, fazendo com que ser fotografado fosse uma atividade muito custosa. Dado seu gosto pela novidade, o imperador não só era

constantemente fotografado, como enviava sua imagem para todo o Brasil, e ainda para outros lugares do mundo, sobretudo quando estava já mais velho, com suas barbas completamente brancas.



*O imperador dom Pedro II em Petrópolis. – 1883*

Fotografia tirada por Joaquim Inslay Pacheco por volta de 1883 e hoje parte do acervo do Instituto Moreira Salles, temos aqui o imperador em trajes bem mais simples se comparamos com sua imagem anterior, em um momento de sua vida no qual Schwarcz aponta uma tentativa do imperador de se mostrar como um simples cidadão brasileiro.

Sempre de jaquetão e à paisana, o imperador passeava pelas ruas, visitava colégios e ginásios, e presidia exames; conversava amigavelmente com visitantes estrangeiros [...], estudava astronomia e línguas mortas, e pensava em sair do país pela primeira vez. [...] Nas visitas que fazia às províncias, d. Pedro II se irritava e desaprovava os grandes rituais. [...] É certo que a nova

indumentária não é “inventada” nesse momento, mas é certo também que só então transforma-se em seu uniforme oficial. De cartola e casaca, o monarca se confunde com seus súditos e os políticos que o cercam. (SCHWARCZ, 1998, pp. 320-322)

Cercado de plantas da flora nativa, o imperador buscava reafirmar e reforçar sua brasilidade, e suas vestes simplificadas eram uma tentativa de se passar por um cidadão comum, tendo maior apelo entre as camadas mais populares. Sem embargo, a mentalidade de demonstrar sua riqueza e intelectualidade jamais seria abandonada. Primeiro que, além de a imagem estar em um suporte que era extremamente dispendioso para sua época, ainda vemos algumas insígnias e um relógio, provavelmente em ouro, preso ao corpo do imperador. E nunca abandonando sua erudição, dom Pedro sempre fazia questão de ser retratado segurando um livro. Ademais, quando ampliamos a foto é possível notar que as vestes simplificadas do imperador ainda são feitas de tecidos de alta qualidade, mostrando que nossa majestade imperial não era, de fato, um cidadão comum como pretendia ser.

Aproximando-nos do fim, podemos concluir que existe uma continuidade na autorrepresentação quando se trata de demonstrar riqueza e erudição. Tópico bastante interessante de trabalhar, pode ser estendido até mesmo para os dias de hoje, com a cultura do *selfie*, algo que já passa os limites deste trabalho, mas que seria uma ótima oportunidade de pesquisa em ocasiões futuras.

## Referências

GOMBRICH, E. H. *The Story of Art*. New York: Phaidon Press Limited, 2006.

HOLBEIN, Hans. *The Ambassadors*. Óleo sobre tela, 1533. Recurso eletrônico.

Disponível em Google arts.

<<https://artsandculture.google.com/asset/the-ambassadors/bQEWbLB26MG1LA?hl=en>>,

acesso em 18/03/2018, 11:16 a.m.

HOLBEIN, Hans. *The Merchant Georg Gisze*. Óleo sobre tela, 1532. Disponível em Web Gallery of Art <[https://www.wga.hu/html\\_m/h/holbein/hans\\_y/1535/2gisze.html](https://www.wga.hu/html_m/h/holbein/hans_y/1535/2gisze.html)>, Visitado em 27/08/2018, 3:02 p.m.

LISBOA, Antonio Francisco (Aleijadinho). *Profeta Baruque*. Estátua. 1800-1805. Disponível em Acervo Digital da Unesp. <<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/252160>>, acesso em 27/08/2018, 2h53 p.m.

MEIRELLES, Victor. *Dom Pedro II*. Óleo sobre tela. 1864. Recurso eletrônico. Disponível em Google arts.

<<https://artsandculture.google.com/asset/dom-pedro-ii/EQEBTTR4fo-m9w?hl=en>>, acesso em 24/08/2018, 11h04 a.m.

PACHECO, Joaquim Insley. *The Emperor D. Pedro II, Petrópolis, RJ. Brazil*. Fotografia, 1883. Disponível em Google Arts.

<<https://artsandculture.google.com/asset/the-emperor-d-pedro-ii-petr%C3%B3polis-rj-brazil/HwGPduX0ruEK3g?hl=en>>, acesso em 24/08/2018, 11:29 a.m.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.